



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração dos 50 anos da Alstom no Brasil**

Taubaté-SP, 19 de julho de 2005

Excelentíssimo senhor governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin,

Excelentíssimo companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,
Excelentíssimo senhor Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,
Senhor José Luiz, presidente da Alstom do Brasil,
Meu caro Roberto Pereira Peixoto, prefeito de Taubaté,
Meu querido Paulo Godoy, presidente da Abdib,
Deputada Angela Guadagnin,
Deputados Ary Kara e Júlio Semeghini,
Meu caro Carlinhos,
Meus queridos prefeitos da região,
Prefeitos e prefeitas,
Vereadores e vereadoras da região,
Senhores empresários,
Meus queridos companheiros e companheiras metalúrgicos da Alstom,

Primeiro, a alegria de entrar numa fábrica e ver um torno do tamanho com que eu sempre sonhei trabalhar e nunca trabalhei. Eu fiquei com uma vontade de... mas já faz alguns anos que eu não manuseio, então eu resolvi não ficar tentado. Mas, só pelo fato de sentir o cheiro da graxa, já estava bom.

A alegria de ver uma fábrica funcionando. Quando nós vemos uma fábrica funcionando, todos nós somos tomados da certeza de que algo vai bem naquele lugar. Eu, que já vivi momentos de excepcionalidade de crescimento da economia neste país e, diga-se, contraditório com a política que vivíamos,



com muita ausência de democracia. E, depois, eu, que vivi tantos períodos em que a gente não via nunca mais uma placa: “precisando de um trabalhador”.

Aliás, eu acho que muitos, na idade de vocês, nunca viram uma placa na porta de uma fábrica: “precisa-se de torneiro, de fresador, de soldador, de mandrilhador, de secretária”. Nunca, isso desapareceu, durante muitos e muitos anos. E, recentemente, eu comentava com um grupo de companheiros que eu vi uma placa: “precisa-se”. O que significa isso, claramente?

Meu querido Marinho, que eu tirei, tomei emprestado da CUT para ser ministro do Trabalho, sabe que a categoria metalúrgica é uma categoria que nesses 30 meses de governo já recuperou quase 300 mil postos de trabalho. Nós que, ao longo dos últimos 15 anos, tínhamos perdido quase um milhão e meio de trabalhadores, no Brasil inteiro, já recuperamos 300 mil postos de trabalho na área da metalurgia.

Outro dia fui na Nuclep, uma empresa que foi construída com base na construção das nossas usinas nucleares e que estava praticamente abandonada porque houve quem quisesse vendê-la para a Souza Cruz, porque achava que ela não era mais necessária, com 1.600 metalúrgicos. E, quando eu cheguei lá, tinha meninas de 18, 19, 17 anos, aprendendo a ser soldadoras, aprendendo a ser torneiras mecânicas, aprendendo a ser ajustadoras, e de vez em quando uma pegava na minha mão, beijava e falava “Presidente, obrigada pelo primeiro emprego”. Eu senti a sensação que eu tive quando eu arrumei meu primeiro emprego: fábrica de parafusos Marte, Vila Carioca, capital de São Paulo, lugar que o Alckmin certamente conhece, na divisa com São Caetano.

Eu tinha um sonho de ser mecânico, mas nem sabia o que era mecânico. Eu só via meu irmão cheio de graxa, meu irmão era mecânico de carro. E me levaram para essa fábrica de parafusos Marte, e eu comecei a trabalhar no meu primeiro dia, o macacãozinho que a minha mãe tinha feito, cortado de um irmão meu que trabalhava na Parada Taipas, em uma fábrica de peneiras. Minha mãe cortou o macacão, eu saí para trabalhar num orgulho



tremendo, aquele macacão, uma conga – não sei se vocês estão lembrados de conga – e fui trabalhar. Eu andava, acho, uns mil e poucos metros da minha casa até a fábrica, mas o orgulho era como se eu tivesse indo para o céu. Cheguei lá, era uma fábrica de parafusos, e me colocaram para catar pedacinho de ferro que caía; cortavam o ferro na prancha, sobravam uns pedacinhos e mandavam eu catar. E eu fiquei a manhã inteira catando pedacinho de ferro e jogando em um latão. Aí, apitou para o almoço, e eu estava limpo. Eu queria ser mecânico, e mecânico significava... eu precisava estar sujo.

Eu me lembro como se fosse hoje, eu cheguei em uma lata, um latão de óleo que era utilizado para temperar peças, acho que alguns de vocês sabem, cheguei naquele latão de óleo preto e falei: “a minha mãe não vai se arrepender de ter me colocado...”. Meti a mão no óleo, lambrequi todo o macacão para andar naquela rua e todo mundo ver que eu era mecânico. Eu nem sabia o que era torno mecânico, eu só queria ser mecânico. Para mim, tudo era mecânico. E, seis meses depois, eu fui para o Senai e tive o prazer de aprender a profissão de torneiro mecânico, que me permitiu ser o primeiro filho da minha mãe a ter uma profissão. E, por conta de ter a profissão, eu fui o primeiro a ter uma casa. Por conta de ter uma profissão, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter um carro. Tudo isso porque eu aprendi uma profissão.

Por isso que eu fiquei emocionado quando entrei e senti o cheiro – apesar de a fábrica estar limpa, porque o pessoal limpou para eu vir para cá – mas eu fiquei feliz, alegre, sabendo que, desta fábrica, milhares de pessoas sustentam suas famílias, cuidam da educação dos seus filhos, planejam o futuro sem dar muita importância a tantas coisas que acontecem neste país, coisas até que não deveriam acontecer, mas que acontecem. E que esse povo fica se perguntando: quando é que o Brasil vai, definitivamente, aproveitar os bons momentos que tem?. Porque nós nascemos e vivemos de esperança, nós nascemos e vivemos de produzir expectativas e expectativas positivas.



Quando a gente acorda “azedo” de manhã, quando a gente acorda mal-humorado, porque alguma coisa não deu certo, vocês já repararam que a gente passa o dia inteiro mal? Chega no escritório, chega na fábrica, fala um bom dia com a voz ruim, não comenta a derrota do São Paulo, a vitória do Corinthians. Então, em penso, governador... eu fui uma vez numa cidadezinha, eu não sei se é chamada Iracenópolis, lá para o lado de Ribeirão Preto, e tinha um prefeitinho lá chamado Caju. Ele me contou uma história tão fantástica que é dessas coisas contadas de forma humilde, que faz a gente pensar coisas grandes.

Ele me contou uma história que eu quero contar para vocês. Ele era casado e tinha vários filhos, ele era um negro alto, jovem ainda, já tinha lá uns três, quatro filhos casados, e resolveu ser candidato a prefeito, ele era pedreiro. E todo mundo dizia: mas você vai ser candidato a prefeito? Você é pedreiro rapaz, você deixou de cortar cana, foi ser pedreiro, e quer ser candidato a prefeito? E ainda era xingado porque ele era de cor e era palmeirense, o pessoal achava que ele tinha que ser corinthiano, santista ou sei lá.

E esse rapaz foi para a campanha, e todo mundo xingava ele, gozava dele, avacalhava com ele. E ele estava lá, trabalhando, trabalhando, trabalhando. Faltavam uns três meses para as eleições, uma namorada que ele teve de pequeno, de adolescente, ficou viúva e ele então resolveu largar mulher e casar com aquela mulher que era a paixão da vida dele. E o pessoal dizia, os assessores diziam: “você é louco. Caju, faltam três meses para as eleições, como é que você vai largar a sua mulher e vai casar com outra? Ele dizia: “olhe, um homem não pode perder as oportunidades que se apresentam na sua vida, eu sou casado, é verdade, mas a minha paixão por aquela mulher eu tenho desde que eu era criança e ela agora se apresentou na minha frente desimpedida, eu vou casar e vou ganhar as eleições”. Largou a mulher, casou e ganhou as eleições. E não precisou deixar de ser palmeirense. E ele dizia para mim: “sabe por que eu ganhei Presidente?” Ele não me chamava de



Presidente não, era de Lula mesmo. “Sabe por que eu ganhei Lula? Porque o homem tem que ser do tamanho do seu sonho, o homem tem que pensar grande, ele tem que pensar até maior do que ele, porque se ele pensar pequeno, ele não será ninguém. Eu era um cortador de cana, um pedreiro, pensei grande, disse que ia ganhar, ganhei e ainda reencontrei a paixão da minha vida e estou feliz da vida”.

Você quer coisa mais bonita do que a gente pensar grande? Do que a gente acordar todo dia de manhã com a fé que a gente tem, tentando construir um dia mais otimista, mais positivo, passar para a mulher, passar para os filhos? É isso, meu caro José Luiz, meu caro Godoy, que vocês sabem que eu tenho que fazer neste país.

Porque tem um tipo de gente que se chove, enche São Paulo, culpa o prefeito; perde a lavoura, culpa o presidente; acontece uma outra coisa, culpa o governador; depois faz seca, outra vez culpa todo mundo. Ou seja, acontece uma coisa na Bolsa de Nova Iorque e dá um problema em qualquer outro país, todo mundo paga o preço. E eu tenho provocado a boa provocação para os empresários, o Godoy e o José Luiz sabem disso, é que é preciso que a gente acredite neste país, mas acredite com uma convicção como a gente acredita em Deus e acredita na família da gente. Este país será do tamanho que a gente quiser que ele seja.

Houve um tempo em que se acreditou que era possível acabar com as ferrovias e só fazer rodovias, quando era mais fácil pensar que podiam ter os dois. Houve um tempo em que se pensou que era muito mais fácil importar tudo o que a gente antes produzia aqui, quando era mais fácil a gente estimular os avanços tecnológicos internos e produzir aqui.

O José Luiz e o Godoy sabem da briga que eu tive com a Petrobras, em 2002, para provar que era possível fazer plataforma no Brasil. Houve até matéria paga dizendo que não era possível, que o Brasil não tinha tecnologia. E, hoje, o Brasil vai produzir as plataformas quase que totalmente aqui,



dinheiro que antes a gente mandava para a Noruega. Não que eu não queira bem à Noruega, eu adoro a Noruega. Mas amo o povo brasileiro e quero que ele tenha os empregos aqui dentro.

Este país não produzia mais vagões. Este país, há pouco tempo atrás, estava comprando vagão usado da China para reformar aqui dentro. Aliás, a gente tinha desaprendido a produzir trilho. E, hoje, as empresas que produzem vagões, já têm 10 mil vagões encomendados. Tem gente que já está com a produção garantida por alguns anos. E, se Deus quiser, vão ter muito mais, porque é a combinação perfeita de um sistema intermodal de transporte, combinando o transporte fluvial com o ferroviário e o rodoviário que dará a este país a dimensão da grandeza que nós temos.

A grandeza do Brasil não está na sua extensão territorial, está na grandeza do comportamento da nossa gente, da capacidade de produzir da nossa gente, da capacidade de pensar da nossa gente, na qualidade da escola dos nossos filhos. É isso que dá dimensão a um país.

E o que nós estamos vivendo agora é exatamente isso: um momento excepcional na vida do país. E que pode ser muito melhor se nós acreditarmos que ainda falta dar mais 50% do potencial que a gente tem para dar.

Porque, normalmente, tem um tipo de gente que reclama de tudo, quando deveria ir à luta. E a luta significa a gente acreditar e fazer as coisas, significa a gente acreditar e fazer os investimentos necessários.

Era quase impossível fazer, por exemplo, as PPPs, estão feitas. Está feito o Fundo Garantidor. E, agora, estamos na boa provocação de provocar empresários a fazerem parceria de verdade e construir o que falta.

Não vamos ficar apenas lamentando o que aconteceu ontem, vamos decidir o que fazer amanhã, o que fazer depois de amanhã. E nós sabemos que sem energia nenhum país do mundo se desenvolve. E nós temos condições de fazer infinitamente mais do que nós fazemos hoje.

E os empresários sabem que eu não tenho feito outra coisa, aqui e lá



fora, a não ser provocar o bom debate, para que a gente aproveite a oportunidade e transforme o Brasil, definitivamente, numa Nação desenvolvida.

Eu estou cansado, eu estou com 59 anos de idade. Há uns 20 anos atrás a gente falava: o Brasil é um país subdesenvolvido. Depois, entramos na área do país em desenvolvimento. Agora, estamos na área dos emergentes. Mas a gente joga muita oportunidade fora, muitas. Eu não vou relatar aqui para vocês, mas joga-se muita oportunidade fora. De vez em quando se inventa uma fantasia e fala “agora vai”, e no dia seguinte as pessoas acordam, devendo mais do que foram dormir e não sabem o porquê. E ninguém se responsabiliza por isso.

Então eu sou daqueles que, como eu acho que tudo na vida que a gente conquista é com muito sacrifício, muito, não tem nada que a gente conquiste que não seja às custas de muito sacrifício. Eu, de vez em quando, digo o seguinte: eu sou de uma terra – aqui devem ter alguns daquela terra – que quando a gente não morre até os cinco anos de idade, a gente pode ir para a frente. Eu sou daqueles que conheci pão quando eu já tinha sete anos de idade. E chegamos onde chegamos, em uma perspectiva de que este país pode dar um salto de qualidade se a gente não pensar em um mandato, se a gente não pensar em uma eleição, mas se a gente pensar em uma nação para daqui a dez, 15 ou 20 anos. O que nós queremos construir de verdade? Para isso, temos que apostar na construção de energia, que não é uma coisa que a gente pensa hoje e acontece hoje; pensa hoje para acontecer daqui a dez ou 15 anos, mas alguém tem que dar o pontapé inicial. Imagina se um casal resolvesse ter um filho e ele, apressado, nervoso, já quisesse ter um filho de 20 anos. Não ia ter. Ele tem que começar do zero, aí, com nove meses nasce, depois aprende a andar, aprende a engatinhar, e vai embora. O Brasil é isso.

Eu estou convencido de que nós estamos no momento exato para dizer ao mundo o que é que nós queremos, para dizer ao mundo o que é que nós queremos ser. Qual é a relação que nós queremos ter? Qual é a importância



que o Brasil vai ter nessa geografia comercial, mundial, em que meia dúzia manda e desmanda?

Para isso, a Nação precisa ter gente que goste deste país, gente que não seja pequeno, gente que não permita que a pequenez, que um pensamento da próxima eleição ou da outra eleição possa desencaminhar este país. O Brasil é o único lugar do mundo onde, mesmo o companheiro de partido que elege o seu sucessor, fica torcendo para ele não dar certo, para ser pior do que ele. É, muitas vezes, o comportamento da mediocridade, não tem nada similar no mundo. Não sei se na França é assim, mas no Brasil é. As pessoas ficam torcendo e trabalhando para que não dê certo. “Ah! Porque eu só posso ganhar uma eleição se o prefeito, se o governador, se o presidente, se o vereador fracassar. Se ele der certo, eu não vou ganhar.” Então, a pessoa trabalha pelo negativo, quando se deveria trabalhar pelo positivo. Até porque, enquanto políticos, nós somos passageiros, os mandatos têm prazos determinados. Agora, o povo brasileiro, não. A sociedade é infinita porque embora nós morramos, nós renascemos nos nossos filhos, e a coisa continua.

Então, quando esta empresa completa 55 anos de vida, atravessando todas as crises que o Brasil atravessou, com estes trabalhadores com esta cara sadia – se tiverem que pedir aumento de salário, deixa eu sair daqui primeiro, para vocês pedirem, não peçam na minha frente. Nós vivemos um momento no Brasil em que as pessoas tinham vontade de trabalhar e não tinha emprego. Hoje, o cara coloca o macacão e fala “eu”, porque o trabalhar é a cidadania completa. Se você não trabalha, não pode comprar as coisas para dentro de casa. Tem algo mais gostoso do que um adolescente arrumar seu primeiro emprego e não precisar pedir mais 10 “real”, como eles falam dentro de casa, para o pai ou para a mãe, que fazem discurso antes de dar os 10 “real”?. Tem coisa mais gostosa do que uma menina de 17, 18 ou 19 anos arrumar um emprego, ganhar o seu salário e não ter que pedir nada para comprar, não ter que pedir ao pai ou à mãe? Essa é a cidadania plena que o



emprego permite, que o crescimento econômico permite, que o crescimento de uma Nação permite.

É por isso, meu caro, que eu, como o Alckmin, sou do tempo da mecânica pesada, quero dizer para vocês da alegria de poder participar, aqui neste picadeiro, um picadeiro bonito, onde vocês são os artistas e nós somos os espectadores, dizer de uma empresa que deu certo, uma empresa que acredita neste país e uma empresa que não fez o sacrifício de fazer as parcerias e os investimentos.

E quero aqui fazer um elogio ao Abdib, porque Abdib tem feito um esforço incomensurável para contribuir, não como governo, seja ele estadual, federal ou municipal, mas contribuir com umas boas propostas para que as coisas possam andar. Eu, hoje, tive duas notícias boas. Furlan me liga de manhã: as nossas exportações em 12 meses chegaram a 109 bilhões de dólares, está pertinho de chegar aos 110 bilhões de dólares. E hoje o Marinho me deu a segunda boa notícia: nesses 30 meses, o Brasil já gerou 3 milhões, 135 mil empregos de carteira profissional assinada, coisa que a gente não via desde o fim dos anos 80. Quer algo mais promissor do que isso? Quer algo mais fantástico do que a expectativa de que este país vai continuar crescendo? Vai gerar emprego? Sabe, vocês vão continuar trabalhando, produzindo, sustentando a família. Este, eu tenho certeza que não é apenas o meu Brasil, este é o Brasil de vocês, este é o Brasil que somente juntos nós poderemos construir.

Meus parabéns, meu caro José Luiz, pela Alstom, e meus parabéns a todos os trabalhadores desta grandiosa empresa brasileira.